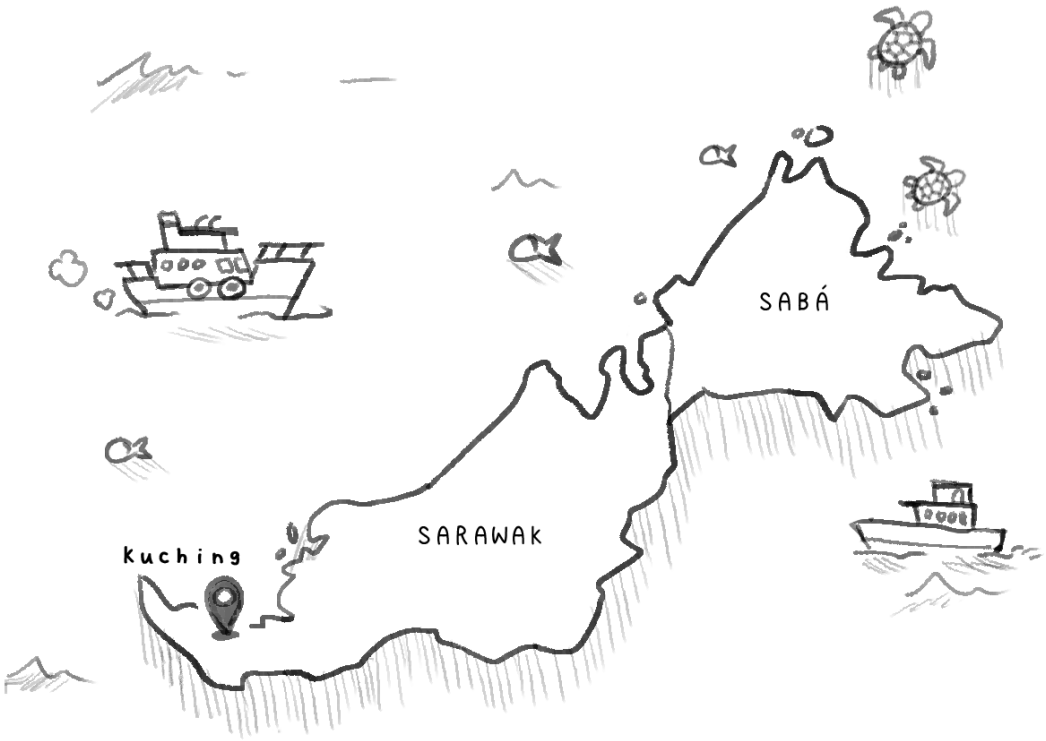
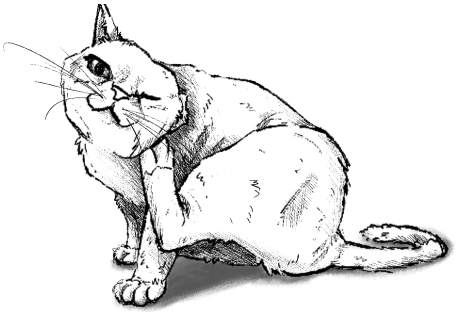

PERLIS
LANGKAWI
QUEDÁ
PENANG
PERAK
KELANTAN
TERENGGANU
Ipoh
PAHANG
SELANGOR
Kuala Lumpur
NEGERI
SEMBILAN
MALACA
JOHOR



A família de Aisha
morava em
Kuching.



O GATO, PARTE UM

(presente)

O gato que os seguiu até casa tinha uma pelada na pata traseira esquerda e uma orelha em falta. Era cor de laranja, de um tom desagradável e sujo, daqueles que lembravam a Aisha caril de peixe estragado.

— Xô! — enxotou-o Aisha. O gato ignorou-a.

— Não sejas rude — protestou Walter, em tom de censura. Baixou-se e mostrou os seus caninos tortos, inclinando a cabeça escura para o olhar de frente. — Estás perdido, gatinho?

— Miau — respondeu o gato, impaciente. Aos ouvidos de Aisha, soou como um *Claro que não, estou só a seguir-vos para o meu novo lar*.

Quando Walter se levantou e dobraram a esquina da rua onde Aisha morava, o gato segui-o com convicção, como se estivesse familiarizado com o local.

— Argh!, é provável que tenha pulgas — protestou Aisha, fazendo um movimento mais vigoroso para o afastar.

— Não creio que isso seja importante — comentou Walter. O que ele quis dizer foi: *Vamos todos morrer e vamos*. — Não quero que ele esteja sozinho quando… bem, tu sabes quando.

Ainda assim, Aisha preferia morrer sem comichão no couro cabeludo. Abriu a porta da frente, de cor verde-limão.

— Olá, *Mak*.

— Olá, *sayang* — respondeu a mãe, levantando os olhos do caderno pautado que usava para anotar receitas. O sol lutava por atravessar os vidros sujos, nos seus últimos momentos. Tudo parecia estar a desaparecer ultimamente. — Olá, Walter. Olá, gato de rua que não quero na minha cozinha.

Aisha olhou para Walter e encolheu os ombros, como que a demonstrar falta de arrependimento.

— Ouviste o que ela disse. A cozinha dela, as regras dela.

Walter olhou para a mãe de Aisha, e esta deu conta de que a causa já estava perdida. Houve uma troca de olhares, na qual Walter comunicou a Esah que não queria que o gato estivesse sozinho quando tudo acabasse, com um olhar suplicante, e Aisha conseguiu detetar o momento em que os olhos da mãe suavizaram.

— Então, e que nome vamos dar ao gato? — perguntou Esah, no segundo seguinte.

— É um ele?

Esah gesticulou na direção do tapete do lado de fora da porta, onde o gato estava sentado, a lavar as partes que provavam a sua masculinidade.

— Hum — ponderou Walter. — Como é que ele se chama, Sha?

— *Fleabag*.

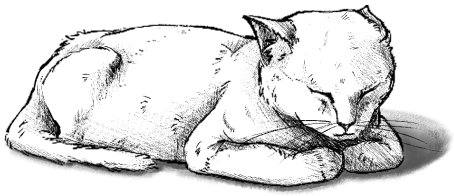
Walter deu-lhe um piparote.

— Não sejas má.

— Sabes, acho que esse nome lhe assenta bem — interferiu a mãe de Aisha. Distraída, sorriu na direção de *Fleabag*, que continuava a grande exibição de lavagem na região inferior, agora com lambidelas irregulares, como se quisesse reforçar a ideia.

— *Fleabag* — repetiu Walter, agachando-se e coçando-lhe o queixo. — Não ligues ao que ela disse. Vê isto como uma alcunha carinhosa.

Aisha atentava na mãe, que ainda mirava o gato com um olhar distante. Perguntou-se no que Esah estaria a pensar. June, uma vez, contara-lhe que havia cães vadios que também costumavam seguir o pai de Esah até casa, bem de perto, ao ponto de lhe esfregarem a cabeça nos tornozelos. Talvez ela os estivesse a ver no focinho peludo de *Fleabag*.



O GATO, PARTE DOIS

(presente)

Talvez o problema fosse que eles se poderiam acabar por casar, se o mundo não tivesse os dias contados. Aisha, às vezes, via à sua frente a progressão das décadas: o noivado, a casa, o cão, o sorriso de orelha a orelha do primeiro filho, os punhos gordinhos do segundo. Manhãs preguiçosas, a sua taça preferida de *laksa* a ser-lhe levada à cama, a preparar-lhes os almoços para levar para o trabalho, fins de tarde de domingo no parque do bairro.

Ela também teria sido feliz. Teriam delirado com aquela felicidade descomplicada. Agora, discutiam mais do que nunca, a oito meses do fim do mundo. Aisha teria dado o nome Amin ao seu primeiro filho, em homenagem ao tio de quem tanto gostava, o irmão preferido do pai. Walter teria adorado esse nome, por causa de todas as histórias que a ouvira contar acerca do tio Amin e de como ele a levara a andar de baloiço todas as sextas-feiras, antes de morrer. Aisha teria ido à escola e tentado ajudar pessoas que estavam a sofrer. Walter teria deambulado de profissão em profissão, indeciso e apaixonado por todas. Aisha teria gostado

de viajar pelo mundo. Teriam tido vários gatos, porque Walter não seria capaz de dizer não aos gatos vadios que o seguiriam até casa.

Walter sussurrava tontices a *Fleabag*, agora sentado à mesa da cozinha, e Aisha adorava-o, adorava-o desesperadamente, adorava-o mais do que tudo.

— Sabes — disse Esah, em voz baixa, interrompendo os pensamentos de Aisha com delicadeza —, tenho andado a pensar na June — disse-o com muito cuidado, como se fosse mais um artigo a acrescentar à lista do supermercado que delegara a Aisha. Tanto Aisha como Walter levantaram a cabeça, de repente. *Fleabag*, que, foi claro, não suportava que a atenção não estivesse toda nele a cada segundo, saltou para o chão com graciosidade e foi-se embora como se aquela casa já fosse sua. Aisha supôs, de forma abstrata, de que sim, agora era.

— Ah? — respondeu Aisha, como a mesma delicadeza. Deu por si presa ao chão, a sentir-se como se alguma coisa lhe estivesse a arranhar a garganta. Não tinha a certeza se era do pânico. — Está tudo bem? Tiveste alguma notícia?

— Não, nenhuma. — Esah pousou a taça azul em que havia preparado o bolo dentro do lava-loiça e abriu a torneira, sem olhar. A taça ainda continha a massa com que ia fazer o bolo. — Estava só a pensar em consertar as coisas depois do que se passou, tu sabes.

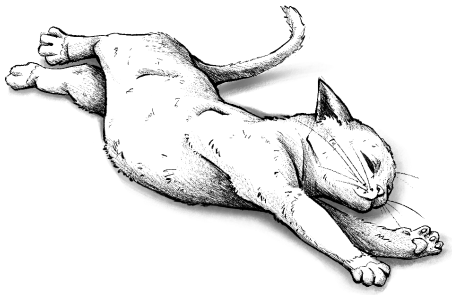
— Depois do que se passou — repetiu Aisha, inutilmente. — Isso quer dizer que queres ir ter com ela? — A cabeça de Walter como que cirandava de um lado para o outro, como se estivesse a assistir a um jogo de ténis.

— Talvez — confessou Esah. A água corria para cima da massa do bolo, feia, e Esah olhava, sem ver. — Que mais posso fazer? — Como quem diz *Agora, já não temos tempo a perder*.

Aisha caminhou até ao lado da mãe e enrolou os braços à volta dela, com muita, muita gentileza. A mãe estendeu a mão e fechou a torneira. A massa do bolo ficou ali, envergonhada e arruinada.

Esah fungou alto, irritada, e murmurou qualquer coisa relacionada com o bolo que já não cozinharia.

— Que mais podemos *nós* fazer, não é, *Mak*? Estou contigo — afirmou Aisha, ignorando o que quer que a estivesse a arranhar por dentro, e assentiu, convicta, com a testa encosta ao ombro quente da mãe, na tentativa de parecer convincente. — Um passo de cada vez. Vai ficar tudo bem.



UMA HISTÓRIA SOBRE JUNE

(três anos antes)

June tinha dezanove anos quando decidiu que estava farta daquela casa.

— Como assim, estás farta desta casa? — quis saber Aisha, seguindo-a pelo quarto enquanto ela ia pegando nas suas coisas, examinando-as com minúcia e atirando-as de volta para o chão ou para dentro da mala.

A mala dela, enorme e rosa-choque, estava desbotada. June havia implorado por ela para viajar pela Europa, quando tinha dezasseis anos. A mãe acedera a deixá-la ir depois de um mês em que June ora amuava, furiosa, ora fazia todas as tarefas domésticas com doçura. Esah fez June instalar uma aplicação que lhe permitia saber onde ela estaria, para poder verificar se estava mesmo nos locais em que dissera que iria estar, nas horas em que dissera que iria estar.

— Eu só… — June pensou na irmã, na mala e na *Lala*, o seu dinossauro de peluche. — Não é por causa da casa, foi uma metáfora.

— Não estamos na aula de inglês, June! — Aisha tinha quinze anos e sentia-se angustiada. Observou June a pegar num par de meias e a descartá-las com firmeza para as profundezas do

guarda-roupa. — O que é que isso significa? É uma metáfora para quê?

June parou de repente e encarou-a, como se a resposta fosse óbvia.

— Para a minha vida. Se não partir agora, vou ficar presa aqui a vida toda.

— Não vais, não. Devias ir para a universidade!

— Raios partam a universidade — resumiu June. Naquele dia, havia terminado os exames que lhe permitiam aceder ao ensino superior, com o exame de literatura, do que Aisha se recordava. Daí a metáfora. — Não vou. Só não to tinha dito ainda, nem a ti, nem à *Mak*, senão vocês iam chatear-me com isto. Assim, consegui aproveitar estes últimos meses aqui convosco… Não vou morrer, Sha. Vou continuar a ser tua irmã.

Dito isto, sentou-se na cama (coberta por uma colcha cor-de-rosa desbotada) e agarrou Aisha pelos ombros, como se nunca a fosse largar (já a largara).

— Eu só… estou a tentar encontrar-me.

Aisha olhou para June e viu-lhe o brilho maníaco no olhar, as madeixas (cor-de-rosa brilhante) no cabelo.

— Podes fazer isso aqui.

— Eu sei que não posso — insistiu June, teimosa, certa de que assim era, tal como era obstinada em relação a tudo o resto.

— O que é que a *Mak* diz disto? — perguntou Aisha, numa última tentativa. Só tinha quinze anos, era demasiado jovem para dizer *Por favor, não me deixes. Não agora.*

— Oh — disse June, a desviar o olhar. — Aí é que está o problema. Se ao menos ela pudesse compreender, mas nunca aconteceria, embora, nunca se sabe, talvez compreendesse. — Esfregou o queixo, insegura. Depois, olhou para Aisha com esperança. — Talvez lhe pudesses dar um toque, era uma forma de ajudar.

— Queres que interceda por ti, para a fazer concordar com a tua partida? — perguntou Aisha, devagar.

— Ela dá-te ouvidos — comentou June, o que era descaradamente falso, na opinião de Aisha. — És uma menina bem-comportada. Diz alguma coisa que não a deixe tão chateada.

— Não há nada que eu possa dizer para o evitar — afirmou Aisha, numa voz resoluta, mas June ignorou a relutância dela e assumiu aquela resposta como um *sim*. Virou-se, um pouco mais contente, e atirou uma escova de cabelo para a mala.

Contou à mãe nessa noite, ao jantar. *Então, e a universidade?*, perguntara Esah. *És demasiado jovem para saber o que queres*, dissera-lhe. *Vai-te embora agora e será como se te fosses embora para sempre. Vá, vai!* Sik kenang budi[1], gritou-lhe, e Esah nunca gritava.

Instalou-se um silêncio, o pior de todos os que se haviam feito sentir naquela pequena casa. June não disse nada. Aisha sentiu os olhos dela em si, como que a queimar-lhe a cabeça, fazendo um buraco. Pareceu-lhe um olhar de súplica, quente e doloroso. Aisha baixou a cabeça para o peixe frito e desejou poder ir para longe. Desejou com tanta força que imaginou não sentir mais aquele olhar. Ficaram em silêncio à mesa, até que os pratos ficaram vazios. Depois, June lavou a loiça e subiu a escada.

Uma hora mais tarde, viram a mala rosa-choque ser arrastada pela calçada, a cabeça cor-de-rosa brilhante de June baixa, mas convicta, a guiá-la para longe.

Uma ferida dentro de Aisha abria cada vez mais, à medida que a irmã dava mais um passo para longe dela. Já tinha perdido pessoas, mas essas não queriam ter partido. A irmã, pelo contrário, decidira desaparecer da vida delas, sem deixar rasto, para não mais voltar.

[1] Ingrata (*N. da T.*).